

# Agressividade na educação infantil

Noeli Teresinha Strada<sup>1</sup>  
Gilvan Milhomem Santos Gonçalves<sup>2</sup>

## Resumo

Este estudo está relacionado diretamente à agressividade na primeira infância e suas relações causa-efeito. Busca-se inter-relacionar de forma crítica e interdisciplinar as ocorrências com o objetivo de levantar o questionamento dos motivos e aspectos, ou características dessas crianças que agem agressivamente, abordando escritos sobre o assunto em relação a educação infantil. Para fazer tal abordagem utilizou-se do conhecimento da autora em sala de aula, tendo mais de 5 anos de vivência com casos de crianças agressivas, suas dificuldades e atitudes na condução desses casos, bem como entrevista com professores da área e abordagem cotidiana de algumas crianças, analisando-se suas particularidades diante da família e seu meio de vida. Ainda que o assunto seja pouco descrito, com materiais escassos, as dificuldades principais são mesmo quanto à abordagem, pois quem sofre a ação e o agressor são crianças e não são responsáveis pelos seus atos, nem tão pouco podem ser estudados separados do contexto. Os resultados principais são o embate contra as dificuldades de ação dos docentes desta fase, o levantamento da questão e ao mesmo tempo fomentar maiores estudos por psicopedagogos, coordenadores, professores, recreadores, assistentes sociais e demais profissionais envolvidos com a educação infantil.

**Palavras-chave:** Agressividade. Educação infantil. Curiosidade. Compreender.

## Abstract

This study is directly related to aggression in early childhood and their cause-effect relationships. Search inter-relate in a critical and interdisciplinary occurrences with the objective of raising the questioning of motives and aspects or characteristics of these children who act aggressively addressing written on the subject also in relation to early childhood education. To make such an approach was used by the author of knowledge in the classroom, with over 5 years of experience with cases of aggressive children, their attitudes and difficulties in the conduct of these cases, as well as interviews with teachers in the area and approach of some everyday children analyzing its merits, before the family and their livelihood. Although the subject is poorly described, with scarce materials, the main difficulties are the same as the approach, because who suffers the action and the offender are children and are not responsible for their actions, nor can be studied apart from the context. The main results are the struggle against the difficulties of action of teachers of this stage, raising the question while promoting higher studies by psychologists, engineers, teachers, entertainers, social workers and other professionals involved with children's education.

**Keywords:** Aggression. Kindergarten. Curiosity. Understand.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pós-Graduação do Instituto de Ensino Superior da FUNLEC

<sup>2</sup> Professora orientadora do Instituto de Ensino Superior da FUNLEC

## **Introdução**

O presente estudo teve o intuito de investigar como a agressividade na Educação Infantil vem sendo compreendida, trabalhada, visto que a agressividade infantil pode ser manifestada em diferentes fases do desenvolvimento da criança e de várias maneiras.

O interesse por estudar este tema surgiu de algumas inquietações e experiências que ocorreram durante a prática pedagógica em sala de aula da Educação Infantil. Assim, despertou-se a curiosidade de saber como e por que as crianças tão pequenas são capazes de atitudes tão agressivas.

A metodologia da pesquisa traz um estudo de caso, isto é, uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, a qual busca interpretar os significados do ponto de vista da cultura, baseando-se na realidade observada.

Para desenvolver este estudo foram realizadas observações em uma sala de um CEINF (Centro de Educação Infantil) municipal da cidade de Campo Grande – MS, como também a aplicação de um questionário a três professoras desta instituição. As observações se deram no período matutino, por uma semana, em uma turma com 29 crianças, sendo que três delas consideradas com comportamento agressivo.

Durante a pesquisa buscou-se entender a verdadeira função da educação infantil, bem como a importância do afeto no ambiente escolar, para depois entender a questão da agressividade de crianças da educação infantil que é o tema do presente artigo.

A importância da pesquisa fundamenta-se na necessidade em detectar e extinguir o comportamento agressivo ainda na primeira infância, na prática pedagógica com a educação infantil e o ensino fundamental, lugares em que se têm vivenciado diferentes situações, as quais têm despertado curiosidade e vontade de querer entender o que leva crianças tão pequenas, em uma fase da vida que se pressupõe inocente, demonstrar tantos conflitos e agressividades. A realidade escolar continuamente nos remete a essas reflexões, principalmente com relação à nossa prática diária como professores. Com base nesses pressupostos, viu-se a necessidade de compreender a agressividade e como ela pode ser abordada durante nossa prática pedagógica na Educação Infantil.

## **A importância da educação no desenvolvimento infantil**

A educação brasileira está sendo cada vez mais objeto de preocupação para todos aqueles que têm uma ligação direta ou indireta com a instituição escolar. Mas essa preocupação não é recente, pois em relação à educação infantil, Costa (2010) relata “que foi no início do século XVII que surgiram as primeiras preocupações com a educação das crianças pequenas, preocupações resultantes do reconhecimento e valorização que elas passaram a ter no meio em que viviam”.

Sendo assim, apesar de uma grande parcela da população infantil continuar sendo educada segundo a antiga prática de aprendizagem (educação tradicional), o surgimento de sentimento de infância provocou mudanças no quadro educacional.

Neste sentido, a constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/88) concebeu a educação pré-escolar como um direito de todos e um dever do estado. O que foi reforçado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 29º, no qual a educação infantil foi conceituada como complementar à ação da família e da comunidade, abrangendo crianças de até seis anos de idade, objetivando o desenvolvimento integral nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Sobre esta questão, Cunha (2008) afirma que a escola é quem melhor pode promover a vida, de vivência plena, experimentação sem desperdício, expressando o valor da coletividade na individualidade de cada um, participando do cotidiano e produzindo conhecimentos por meio do afeto, pois para o mesmo, as emoções são importantes para a saúde psíquica, porque somos um ser social e afetivo.

Percebe-se que Cunha (2008) considera a escola como um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O autor ainda afirma que é importante que o professor conheça os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam práticas pedagógicas estimulantes, não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade.

**Figura 1 - CEINF Lili Fernandes da Cunha, Campo Grande – MS**



Fonte: Elaborada pela autora

Sobre esses estágios, Piaget (1974) em sua Teoria de Epistemologia Genética diz que “o conhecimento é construído por meio da interação do sujeito com o meio, a partir de estruturas existentes”. Segundo sua teoria todo desenvolvimento obedece a estágios hierárquicos que iniciam e decorrem do nascimento e se consolidam aproximadamente aos 16 anos. Os estágios segundo Piaget (1896-1980) são:

**Estágio sensório-motor** (do nascimento aos 2 anos) – a criança desenvolve um conjunto de esquemas de ações sobre os objetos, que lhe permite construir um conhecimento físico da realidade; **Estágio pré-operatório** (dos 2 aos 6 anos) – a criança inicia a construção da relação causa e efeito, bem como das simbolizações. Nesta fase pode-se perceber em algumas crianças manifestações de agressividade, motivo do presente estudo.

Cabe aqui ressaltar que ainda existe, segundo Piaget (1974),

a fase de **Estágio operatório-concreto** (dos 7 aos 11 anos) – nele a criança começa a construir conceitos através de estruturas lógicas, consolida a conservação de quantidade e constrói o conceito de número; e, ainda, a fase de **Estágio operatório-formal** (dos 11 aos 16 anos) - fase em que o adolescente constrói o pensamento abstrato e conceitual, conseguindo ter em conta as hipóteses possíveis, os diferentes pontos de vista e sendo capaz de pensar cientificamente.

Para Piaget (1974) “o pleno desenvolvimento da personalidade, sob seus aspectos mais intelectuais, é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida da escola”.

## **Agressão**

Uma definição aceita nos estudos psicológicos é que agressão é qualquer comportamento com intenção de ferir alguém física ou verbalmente. E segundo Freud, inclusive um componente constitutivo de toda a pulsão e, portanto, também da pulsão epistemofílica e do desejo de saber e aprender.

## **Agressividade na educação infantil**

Nos dias atuais as crianças estão começando a entrar cada vez mais cedo na escola, e nesse sentido caso a criança seja bem acompanhada, esse ingresso prematuro na instituição pode ajudá-la a se desenvolver melhor em todos os aspectos: sociais, cognitivos etc. Porém, se a família coloca-a na escola, mas não acompanha pode gerar na criança um sentimento de descaso. Neste sentido, Lisboa (2006, p. 55), diz que:

Eis como você cria uma criança violenta: ignore-a, humilhe-a e provoque-a. Grite um bocado. Mostre sua desaprovação a tudo o que ela fizer. Encoraje-a a brigar com irmãos e irmãs. Brigue bastante, especialmente no sentido físico, com seu parceiro conjugal na frente da criança. Bata-lhe bastante. Eu adicionaria: ameace-a, castigue-a, engane-a, minta-lhe, seja permissivo, ensine-a que o mundo é dos ‘vivos’, vangloriando-se diante dela de atos dos quais deveria se envergonhar (...).

Através do pensamento de Lisboa, percebe-se que o principal agente socializador da criança, quando pequena, é a família, pois é ela quem ajuda no desenvolvimento da personalidade, na capacidade de enfrentar situações do dia a dia, e no conceito que a mesma terá de si mesmo enquanto pessoa.

Por essas razões, o comportamento agressivo das crianças, segundo Luz (2008), “é visto como uma forma de comunicação da realidade interior dessas crianças, que agem desse modo na tentativa de buscar um controle externo, e assim vivenciar o sentimento de segurança que lhe faltou no lar”; pois, para a autora, a criança antissocial está

simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família, ou seja, à escola para lhe fornecer a estabilidade de que necessita a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu desenvolvimento emocional. Sobre esta questão Luz (2008) ainda diz,

que quando os cuidadores não conseguem atender adequadamente as necessidades da criança, e ela experimenta repetidas vezes a sensação de abandono origina-se então um movimento de ir à busca de outras relações que possam suprir essa falha anterior.

Para a autora o entendimento da agressividade na concepção de Winnicott nos possibilita compreender melhor como surgem os comportamentos delinquentes.

Já para Fernandes (1994) "a agressividade não é algo que tenha que ser evitado, nem uma enfermidade que precisa ser curada". Para a autora a criança que comete atos agressivos, cruéis, de forma constante, está mostrando um déficit na experiência lúdica, na experiência de jogo; portanto, está mostrando um déficit no espaço que lhe foi dado para mostrar que ela pode.

No entanto, Pietro e Jaeger (2008, p. 227) afirmam que, "a psicologia coloca a agressividade como um comportamento necessário à sobrevivência humana, embora ela tenha sido vista apenas como um fator negativo ao desenvolvimento da criança". Na concepção desses autores a agressividade é percebida como um comportamento positivo diante da adaptação, autorrealização e satisfação do ser humano, mas a falta de limites pode impedir a criança de pensar, de ser criativa e ter espontaneidade, pois a criança nasce sem noção de limites; estes se desenvolvem em um longo processo de identificação da criança com seus pais, inicialmente, e, depois, com os adultos que a sociedade disponibiliza como professores, por exemplo.

Sendo assim, Pietro e Jaeger (2008) asseveram que "as crianças que não têm limites tendem a se tornar agressivas quando estes lhe são impostos, pois em uma relação entre pais e filhos, há sempre uma luta pelo poder, e se a criança encontra espaço para exercitar sua agressividade, ela utiliza este espaço". Nesse sentido, se percebe que é de fundamental importância os limites, tanto em casa como na escola. Mas é importante ressaltar que, para Pietro e Jaeger (2008) "a agressividade só deve ser tratada como um desvio de conduta quando ela aparecer por um longo período de tempo e, também, se não houver fatos transitórios que possam causar comportamentos agressivos".

Para a autora, a agressividade pode se manifestar de diversas formas, como por exemplo: contra si, contra o outro, em relação às atividades e mediante um desenho. Pode também estar muito ligada a um sentimento de rejeição, sentimento este que se confirma a todo o momento na sociedade, cada vez a criança agride mais, pois espera que, dessa forma, ela seja vista e entendida. Neste sentido, segundo o autor, a agressividade surge como sintoma que incomoda porque desafia o outro, e a escola no lugar de um terceiro em relação à família é uma possibilidade de que, por meio das relações sociais, a criança adquira nova visão sobre seus sentimentos e realizações. Sendo assim, o modo e as razões de a agressividade se destacar constituem um processo que se inicia precocemente e está estreitamente ligado ao desenvolvimento infantil.

Pietro e Jaeger (2008) ainda relatam que a agressividade faz parte da vida infantil. Elas batem umas nas outras, choram, fazem birra, tiram brinquedos dos colegas. Estes comportamentos são constantes na educação infantil. Nessa idade, as crianças começam as brincadeiras cooperativas e, em seguida, começam a conflituarem-se. A criança está em um processo de socialização para a sua entrada no mundo adulto, que exige aceitação ou rejeição social, dependendo do que ela faça ou da forma como interage. Neste sentido, percebe-se que a agressividade parece estar ligada ao desenvolvimento da moral na criança, pois a criança que não respeita condutas morais parece demonstrar maior dificuldade em controlar suas emoções, podendo assim manifestar-se de forma agressiva.

Sobre esta questão Lopes (2012), diz que “a ausência de limites, a tolerância excessiva dos pais, a falta de tolerância perante frustrações, violência física ou emocional, ausência de carinho são fatores que provocam comportamentos agressivos”. Porém, é interessante observar também se a criança não está passando por um momento de transformação em sua família, como separação dos pais, ganho ou perda de novos membros na família, seja por nascimento de irmão ou morte de alguém querido. Percebe-se que este estado pode ser fruto também da falta de afetividade no ambiente familiar, ou uma forma que a criança encontra de se defender de maus tratos.

Para Lopes (2012) a agressividade é compreendida como uma forma da criança se defender, porém precisa ser orientada pelos pais desde os primeiros anos para não ser algo que venha a trazer efeitos negativos para seu desenvolvimento.

Winnicott (1994) ao analisar a agressividade em Agressão e suas raízes, afirmou que, no âmago do ser humano, existe amor e ódio e que os bebês já os possuem com toda a intensidade. A criança pequena, inclusive, vive com mais intensidade o amor e o ódio do que os adultos.

Para Winnicott (1994) a criança "normal", que é ajudada em seus estágios iniciais pelo seu próprio lar, desenvolve a capacidade para controlar-se. Quer dizer, desenvolve o que é denominado "ambiente interno", com uma tendência para descobrir um bom meio. Mas a criança antissocial, doente, não tendo tido a oportunidade de criar um bom "ambiente interno", com certeza necessita absolutamente de um controle externo se quiser ser feliz ou de ser capaz de brincar. Sendo assim, para o autor, a raiz da delinquência e da criminalidade está na experiência vivida pela criança durante a relação com as primeiras pessoas responsáveis pelo seu cuidado, pois segundo o mesmo, quando existe uma tendência antissocial é sinal que houve um verdadeiro desapossamento (não uma simples carência), isso quer dizer que houve a perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até certa data, e que foi lhe tirado. Essa retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência.

Por essas razões, o comportamento agressivo das crianças é visto por Winnicott (1994) como uma forma de comunicação da realidade interior dessas crianças, que agem desse modo na tentativa de buscar um controle externo e assim suprir o sentimento de segurança que lhe faltou. Para o autor, algumas crianças são mais predispostas a ver seus próprios impulsos agressivos na agressão de outras pessoas, podendo desenvolver-se de maneira bastante patológica, uma vez que, esgotados os sentimentos de perseguição, a criança pode passar a ficar sempre na expectativa de estar sendo perseguida; conseqüentemente, pode passar a se tornar agressiva, como forma de se auto defender dos ataques fantasiados.

Nesse sentido, Lisboa (2006, p. 59-60) deixa claro que: "A criança com menos de 5 anos, institucionalizada em internatos, orfanatos, creches, hospitais ou em qualquer outro lugar que a afaste de sua mãe, poderá vir a ter problemas na estruturação de sua personalidade". E isso, leva a pensar se seria então este o motivo de tanta agressividade por parte de algumas crianças da educação infantil.



Mas para Costa (1986), o caráter específico da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. O ato violento porta a marca de um desejo, o emprego deliberado da agressividade. Não há, portanto, violência instintiva, porque falar de violência é falar de uma intenção de destruir. Pode-se dizer que a agressividade opera, portanto, quando há reconhecimento pelo sujeito do objeto a quem endereça sua reivindicação agressiva.

Dessa forma, pode-se observar que “as crianças que são agressivas com seus colegas são rapidamente rejeitadas, e os colegas passam a se comportar de maneira desconfiada, aumentando a probabilidade de reações agressivas [...]” (SILVA E DEL PRETTE 2003, p. 96 apud CANDREVA e CASSIANE, 2009).

Em relação a estas questões, Sacchetto (2012) afirma que a agressividade pode ser hostil, com a intenção de machucar ou ser cruel com alguém, seja física ou verbalmente. Ou, ainda, pode aparecer com o intuito de conquistar uma recompensa, sem desejar o mal do outro. Para a autora a agressividade aparece também em reação a uma frustração. Birras, gritarias e chutes. Comportamento comum, porém, é necessário ser amenizado. Segundo a mesma, a agressividade infantil é um assunto bastante amplo e precisa, inicialmente, discernir o que é inerente à determinada faixa etária ou sexo e o que está fora dos padrões esperados pelos mesmos. Pois uma criança de até dois anos de idade que morde o amiguinho, não pode ser rotulada como agressiva. Ela ainda não sabe usar a linguagem verbal e a linguagem corporal acaba sendo mais eficiente. A autora diz que é essencial saber discernir quando um comportamento agressivo é passageiro ou não.

Nesse sentido, pensa-se que ignorar a necessidade de buscar respostas a esta questão seria ignorar os direitos da criança. Direitos estes protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, promulgada em 13 de julho de 1990, que em seu Art. 3º diz que a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral, e assegura-lhes todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Lembrando o pensamento de Paulo Freire (1996), quando diz que a educação sozinha não transforma a sociedade, mas sem ela tampouco a sociedade muda, pensa-se que

cabe a comunidade escolar refletir os verdadeiros motivos de tanta agressividade manifestada por crianças tão pequenas nas escolas de educação infantil.

## **Análise dos dados**

O presente estudo de caso foi realizado no período de duas semanas, no turno matutino das 8 às 10 horas da manhã, com três crianças de três anos de idade que frequentam a instituição desde o berçário, as quais se encontram matriculadas na creche II, em uma sala de Educação Infantil, em um CEINF (Centro de Educação Infantil), na cidade de Campo Grande-MS. Na mesma instituição foi aplicado um questionário relacionado ao tema a três professoras de Educação Infantil.

A instituição possui além de Educação Infantil, no mesmo ambiente físico, também um CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), onde atende crianças de mais idade e idosos, além de prestar serviços à comunidade, como bolsa família, justiça itinerante etc. Este ambiente apresenta-se, portanto, inadequado à prática de Educação Infantil, sendo que as crianças dividem o mesmo pátio externo e o mesmo refeitório para almoçar e realizar brincadeiras. Percebe-se que por se tratar de um local de múltiplo uso o portão lateral e às vezes até o principal da instituição nem sempre se mantém fechado, o que se torna um perigo.

A sala de Educação Infantil observada apresenta uma triste realidade, o número de crianças é elevado em relação ao espaço físico e as mesmas têm que dividir o pouco espaço com colchões, mesas e cadeiras agrupadas uma sobre as outras para possibilitar o momento da rodinha. Percebe-se que isso dificulta a prática pedagógica da professora, que o tempo todo trabalha atenta a possíveis acidentes devido à falta de estrutura do local.

As crianças observadas serão citadas pelo nome fictício de "**criança A**", "**criança B**" e "**criança C**", sendo que a criança "**A**" **é do sexo feminino e os demais do sexo masculino.**

A **criança A** é negra, meiga e muito inteligente. Está sempre atenta a tudo, gosta de participar das atividades propostas pela professora, porém, parece ter ciúmes da professora com os coleguinhas. Tenta estar sempre o mais próximo possível da mesma e

sempre que algum coleguinha chega mais perto ou vai para o colo da professora, a criança "A" demonstra atitudes agressivas, mordendo, puxando o cabelo ou cuspidando em seus coleguinhos.

Quando contrariada a criança se joga no chão, grita, chora e até tira sua própria roupa. Avança na professora tentando bater ou morder. Para Luz (2008) essa manifestação significa a tentativa de buscar um controle externo, e assim vivenciar o sentimento de segurança que lhe faltou no lar.

No entanto, Pietro e Jaeger (2008) afirmam que essa manifestação está diretamente ligada à ausência de limites, o que desencadeia dificuldades em controlar suas emoções, e, portanto, está ligada ao desenvolvimento da moral na criança.

Durante as duas semanas em que a criança foi observada percebeu-se que a mesma chega mais agressiva nas segundas-feiras (foi informado que a mesma é filha de pais separados), sendo que aos finais de semana fica com o pai e a namorada, e durante a semana fica com a mãe e uma irmã por parte materna, de mais idade que ela. Percebeu-se igualmente que a mesma apresenta comportamentos atípicos, não aceita ser contrariada e não aceita dividir os brinquedos. Também agride seus coleguinhos sempre que quer um brinquedo que o mesmo esteja brincando.

A criança "A" apresentou comportamentos distintos. Ora era meiga e convivia em harmonia com os coleguinhos e a professora, ora ficava furiosa e agredia a qualquer um que tentasse se aproximar da mesma.

A **criança B** é branca, tem o cabelo preto, é bem magrinha, é a menor da turma, e é bem agitada. Tem um olhar triste, parece estar sempre distante, mas é muito agressiva quando os coleguinhos chegam perto.

Às vezes está sentada perto de outra criança e de repente agride a mesma com mordidas e apertões no rosto sem motivo. Fica pouco tempo concentrada e passa a maior parte do tempo pulando ou correndo de um lado para o outro na sala. Para ficar no lugar, durante alguma brincadeira ou atividade proposta, a professora tem que segurar a criança "B" no colo ou sentada no chão, no meio de suas pernas.

Quando contrariada avança em quem está lhe contrariando. Só se acalma se for tratada com muito carinho e convencida por bem de realizar algo. Para Lisboa (2006), esta

atitude agressiva é vista como uma maneira que a criança encontra de demonstrar os maus tratos, os exemplos e inseguranças vivenciadas em sua casa. Iza Luz (2008) concorda com Lisboa, e ainda ressalta a questão dessa manifestação como forma de demonstrar a sensação de abandono vivenciada pela criança.

Durante as duas semanas em que foi se observada, foi passado que a criança é filho de pais separados, e mora com sua mãe e um irmão menor que ele. Observou-se que a criança "B", assim como a criança "A", também tem seus momentos de tranquilidade e meiguice, o que faz pensar que tanto uma quanto a outra manifesta agressividade como forma de reivindicação ou pedido de socorro em relação a algo que lhe está deixando triste e desconfortável. Sobre esta questão, Lopes (2012) afirma que além da ausência de limites, a manifestação da agressividade pode acontecer devido à tolerância excessiva dos pais ou à falta de tolerância perante frustrações, a violência física ou emocional, e ainda a falta de afetividade no ambiente familiar.

A **criança "C"** é morena, tem olhos castanhos, gosta de falar (adora inventar histórias e contar para a professora e seus colegas), a maior parte do tempo participa das brincadeiras e das atividades com entusiasmo e satisfação. Mas a mesma tem momentos de fúria, em que vai para cima dos colegas do nada (qualquer palavra que não goste, um brinquedo que quer, algo que acha que lhe ofendeu vindo do amiguinho mais próximo), nesses momentos a professora tem que interferir rápido, pois a mesma deixa marcas muito fortes quando consegue agredir. Para agredir a criança "C" não escolhe objeto, o que tiver na mão ela joga ou bate, e se não tiver nada, a mesma parte para cima dos coleguinhas com mordidas, socos e muitos palavrões.

Durante o tempo em que suas atitudes foram observadas, foi possível perceber que a mesma é muito carinhosa, mas que algo lhe faz transformar-se de repente. A professora informou que a criança "C" tem dois irmãos, sendo um maior e outro menor que ela. Também, que a mesma vive somente com a mãe e os irmãos, e que seu pai costuma visitá-la raramente. Igualmente foi informado que a mãe é bem presente na vida da criança, participa das reuniões e está sempre em contato com a professora para saber de seu comportamento, demonstrando-se amável e preocupada com o filho. Porém, a mãe parece trocar de namorado toda hora, confundindo a criança que diz sempre que tem um novo pai. Sendo assim, os momentos de fúria da criança parecem estar diretamente ligados a esta questão. Winnicott (ano) relata que esta manifestação de

agressividade é uma forma de comunicação da realidade interior dessas crianças, que agem desse modo na tentativa de buscar um controle externo, e assim suprir o sentimento de segurança que lhe faltou, isto é, uma forma de se auto defender. O que Sacchetto (2012) reafirma no sentido de que essas manifestações de agressividade podem ser uma reação devido a alguma frustração.

Considerando o pensamento dos teóricos pesquisados e citados neste texto, percebe-se que ambos focam a família como ponto fundamental no desenvolvimento da personalidade da criança. O que foi comprovado durante análise da realidade da presente pesquisa, pois, comparando a visão dos teóricos citados e os dados observados em sala de Educação Infantil, bem como do questionário aplicado a três professoras da instituição, pode-se afirmar que as crianças observadas, pelas manifestações de agressividade apresentam falta de estrutura familiar e carência afetiva.

### **Considerações finais**

Após anos de conflitos em minhas práticas pedagógicas, tentando entender e ajudar crianças da Educação Infantil que apresentavam, por períodos longos, agressividade, tanto com os colegas quanto com professores, foi possível constatar por meio do presente estudo algumas questões gritantes, como a falta de afeto, a questão de possíveis agressões da família para com a criança e, também, a falta de estrutura familiar, a qual pode levar crianças já em seus primeiros anos de vida a apresentar agressividade.

Para suprir essa carência vinda do lar, percebe-se que a criança precisa envolver-se em um ambiente escolar de modo a sentir-se acolhida e protegida em todos os sentidos, para que lhe seja possibilitado seu desenvolvimento em sua totalidade.

Portanto, é de fundamental importância, na escola, desenvolver na criança a afetividade, pois a partir dela a criança aprende a praticar a solidariedade, a fraternidade e a conviver em sociedade, respeitando o espaço do outro.

Sendo assim, o professor de Educação Infantil que não considerar os aspectos sociais e humanos da sua atribuição correrá o risco de não ser bem sucedido em seu fazer pedagógico.



**Figura 2 - CEINF Lili Fernandes da Cunha, Campo Grande – MS.**

Fonte: Elaborada pela autora

## Referências

BARROS, Valdina Victor. **Alfabetização na Educação Infantil: fundamentos teóricos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2010. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/c204758.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c204758.pdf)>. Acesso em: 26 de mar. 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 11 de out. de 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 24 de nov. de 2012.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasília, DF, 13 de julho de 1990.

CANDREVA, Thábata; CASSIANE, Vanessa. A agressividade na Educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 12, n. 1, [2009?]. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/pef/article/view/4520/4695>>. Acesso em: 26 de mar. de 2012.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

COSTA, Maria das Graças de Oliveira. **A Importância Do Ensino Aprendizagem Na Educação Infantil**. [S.l.]: webartigos, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-ensino-aprendizagem-na-educacao-infantil/51341/>>. Acesso em: 11 de out. de 2012.

CUNHA, Antonio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: Relações de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

FERNANDEZ, Alicia. **Paixão de aprender: agressividade: qual o teu papel na aprendizagem?** Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

LISBOA, A.M.J. **A Primeira Infância e as raízes da violência**. Brasília: LGE Editora, 2006.

LOPES, Patrícia. **Agressividade na escola**. [S.l.]: Canal do Educador, [2012?]. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/comportamento/agressividade-na-escola.htm>>. Acesso em: 27 de mar. de 2012.

LUZ, Iza Rodrigues. **Agressividade na Primeira Infância** : um estado a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche. Editora Cortez, 2008.

PIAGET, Jean; BETH, W. E. ; MAYS, W. **Epistemologia Genética e Pesquisa Psicológica**. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1974.

PIETRO, Patrícia Pereira; JAEGER, Fernanda Pires. Agressividade na infância: análise psicanalítica. **Visão Global**, Joaçaba, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/viewFile/503/245>>. Acesso em: 28 de mar. de 2012.

SACCHETTO, Karen Kaufmann; **A agressividade infantil – Bullying. 2012**. Disponível em: <http://guiadobebe.uol.com.br/a-agressividade-infantil-bullying/> Acesso em: 29 de mar. de 2012.

WINNICOTT, D. W. **A tendência anti-social. em: privação e delinqüência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.